

TITULAÇÃO:

Conquista de Lisboa. **Sermão de D. Pedro Pitões.** Bispo do Porto, aos cruzados.

REF^a BIBLIOGRÁFICA:

A Conquista de Lisboa aos mouros. Relato de um cruzado, Ed. Aires A. Nascimento, 2^a ed., Lisboa, Nova Vega, 2007, pp. 61-73.

PALAVRAS-CHAVE:

Guerra Justa; Guerra Santa; 2^a Cruzada, Lisboa, D. Afonso Henriques.

COMENTÁRIO:

Raul de Glanville que, como está comprovado, teve acesso ao texto produzido, começa por louvar o despojamento exemplar dos cruzados, os quais, à semelhança dos primeiros cristãos, abandonaram tudo o que possuíam para seguirem Cristo através do alistamento na cruzada. Não faltam, porém, avisos contra os vícios a que podem ser tentados. Era necessário, para a legitimação da reconquista, uma breve explanação da história da península: outrora cristã foi castigada por Deus com a invasão muçulmana, causa de imensa destruição de gentes e igrejas.

Os cruzados são chamados a reverter esta situação através da guerra: «guerra justa com o zelo da justiça, não com o fel da indignação». O bispo cita a doutrina com recurso às Escrituras, a St^o Agostinho e a St^o Isidoro de Sevilha. O sermão termina com o bispo a cumprir as ordens de D. Afonso Henriques, ou seja, entregando-se como refém às forças recém-desembarcadas e mediando, assim, as negociações, as quais incluirão compensações monetárias, de acordo com as disponibilidades do erário régio.

TEXTO:

«Bem-aventurada a gente cujo senhor é o seu Deus e o povo a quem ele escolheu para sua herança!

De verdade, bem-aventurados aqueles a quem Deus, não sei por que inestimável privilégio, concedeu o entendimento e as riquezas: o entendimento para perceberem os caminhos da disciplina, as riquezas, para poderem cumprir o que por piedade anseiam.

Certamente feliz é a vossa terra que tantos e tais filhos nutre, que tantos e tão grandes filhos associa em unidade de sentimentos para a santidade no seio da Madre Igreja. Com razão se cumpre em vós o efeito daquela suprema bênção que diz ‘Bem-aventurados os que me não viram e acreditaram’.

Cristo, mediador entre Deus e os homens, quando veio em pessoa ao mundo, poucos homens encontrou que fossem seguidores desta vida de pureza de religião. Por isso, ao ser interrogado por um jovem que dizia ser cumpridor observante da lei sobre o modo como podia ser perfeito, respondeu-lhe ‘vai vender tudo’, etc. Tomai atenção no que se segue: ‘entristeceu-se, pois era rico de bens’. Oh! Quão grande é a justiça e a misericórdia do nosso Criador! Oh! Quão grande é a cegueira e a dureza do espírito humano! Com a verdade e acerca dela própria falava o jovem, a voz da verdade entrava nos ouvidos, mas, porque a dureza de um espírito calejado não se abrandava com a palavra da verdade, já não é de admirar que a tristeza se tenha introduzido num espírito esvaziado da alegria da sinceridade. E que diremos a isto? Quantos não há aqui de entre vós que são mais ricos de bens do que este jovem, quantos não são mais excelsos em honrarias e dignidades, quantos não são mais afortunados em prole numerosa e fecunda em actos de nobreza? Consta-nos realmente que eles trocaram todas as dignidades e honras para obterem de Deus um prémio de eternidade em peregrinação promissora. Deixaram o carinho afectuoso das esposas, os beijos inocentes das crianças de peito, as promessas mais dilectas dos filhos crescidos, os actos de conforto a prestar por pais e amigos, ficando apenas com a doce mas pungente saudade do torrão natal, para seguirem a Cristo.

Oh! Como são admiráveis as obras do Salvador! Sem que ninguém o pregasse, sem que ninguém o insinuasse, com o zelo da lei de Deus no coração, conduzidos pelo ímpeto do Espírito, através de todos os perigos da terra e do mar, e do esgotamento de uma longa viagem, tudo abandonando, ao chegarem aqui, eles são para nós os filhos da primitiva Igreja, eles são os últimos representantes do mistério da Cruz. Oh! Como é grande a alegria de todos e neles o rosto disposto ao trabalho e ao sofrimento é mais prazenteiro do que em nós que infelizmente nos deixamos entorpecer e arrastar para uma inerte ociosidade!

E por certo, ‘pelo Senhor foi isto realizado e é admirável a nossos olhos. Eis que, irmãos caríssimos, transportando o impropério da cruz, saístes de vossos acampamentos; procurais a Deus, enquanto pode ser encontrado, para chegardes até Ele. Não é,

efectivamente, de admirar que os homens vão até Deus, pois foi por causa dos homens e para ficar entre os homens que Deus veio.

Já até vós, nos confins da terra, foram lançadas as sementes da palavra de Deus, porquanto ‘saiu quem semeia a semear a semente’. ‘A semente é a palavra de Deus’, a palavra de Deus é o próprio Deus. Se ela tomar assento no vosso espírito, bom será o espírito, e não o será sem ela. Estas sementes divinas foram espalhadas pelos vossos corpos e, se as recebestes como bons cultivadores, necessariamente produzirão frutos semelhantes à sua origem e iguais àqueles de que nasceram; se sois maus cultivadores, o resultado não será diferente do de uma terra estéril e palustre que mata e depois só produz folhelo em vez de frutos. Deus, que é bom, ‘dê incremento aos frutos da vossa justiça’.

Eis, filhos caríssimos, renascidos pelo baptismo da penitência, eis que de novo vos revestistes de Cristo, de novo recebestes a veste da inocência para a guardardes sem mancha! Vede que não vos deixeis ir novamente atrás da vossa concupiscência. ‘Retirai do meio de vós o mal dos pensamentos’. Purificai a vossa alma, ou seja, o vosso espírito, para se tornar templo consagrado a Deus. Por sua vez, a vida do espírito não pode soçobrar sob qualquer pressão se a acompanhar a pureza da inocência. E para que seja pura a inocência do espírito, seja extirpada sem reservas a inveja. Os que fazem a sua caminhada por entre os precipícios do mundo devem acautelar-se com o máximo de cuidado desta espécie de vício, pois por ele se perdem os bens dos outros e se consomem os próprios. É efectivamente verdade que quando ver a felicidade é motivo de tormento para os invejosos e os atinge o castigo do remorso isso torna-os piores; se apreciassem os bens dos outros que eles não conseguem ter, de certeza que os tornariam seus. Sim, são vossos os bens dos vossos companheiros, mesmo quando não conseguis ser como eles, se gostais que eles os tenham, e tornam-se vossos quando gostais deles para os vossos companheiros. Eliminai, pois, a inveja que deita a perder a caridade e alimenta a discórdia que corrói e mirra o corpo não lhe permitindo manter a saúde e o vigor, pois a peste da inveja enquanto dilacera a alma, consome o corpo e mata nele o que parece ter de bom. Por isso está na Escritura: ‘a vida da carne é a sanidade do coração, a inveja é a putrefacção dos ossos’. Por causa do vício da inveja definha aos olhos de Deus até aquilo que aos olhos dos homens parece ser forte. Levar os ossos a mirrar pela inveja é de facto fazer definhar mesmo o que era robusto. A inveja é de facto como que um ódio escondido, e é por isso que se lhe chama inveja, ou seja, um ódio invisível. É um tolerar e um odiar que não é virtude de mansidão mas um esconder de

ira. Por isso há que defender com vigilância industriosa a entrada do espírito e há que estar tanto mais atento quanto mais sub-repticiamente ela se insinua no próprio momento da tentação. É necessária, pois a prática do amor, coisa que entre os maus não diríamos propriamente amor, mas simultaneidade; na verdade, não há amor senão entre os bons, pois não há amor consistente a não ser que haja afecto de ambas as partes. A guarda deste amor ou caridade é a inocência que é considerada de tanta virtude e graça que agrada a Deus e aos homens. A verdadeira é aquela que não causa dano nem a si nem a outrem e que quando tem possibilidade procura ser útil. A inocência, na verdade, repele o ferro, embota o fio das espadas, detém os inimigos, repele as intenções dos maus, pois, por maravilhoso juízo da providência divina, sempre que há alguém de mau espírito e consciência torpe é certo e seguro que um obstáculo o segue para não actuar contra a inocência.

Quanto ao mais, haja entre vós moderação no comer e, para dizê-lo em breves palavras, sacie-se a carne para que seja capaz de nos servir em boas obras. Tende, pois, alguma arte em vos saciardes, não vá acontecer que qualquer um de vós, ao saciar a carne descaia para torpezas de iniquidade. Quanto ao que pode estar em causa por semelhança e analogia e mesmo quanto ao que aponteí só ao de leve, mantenha-se a mesma atitude no acautelar da rectidão, pois muitas vezes os vícios insinuam-se como virtudes.

Creemos que já ouvistes dizer nas vossas regiões de origem que o castigo divino feriu com a ponta da espada a Espanha inteira com a invasão de mouros e moabitas, deixando nela bem poucos cristãos e em poucas cidades, sob um pesadíssimo jugo de servidão. Ora, o que apenas um conhecimento por ouvir dizer vos fez chegar, é certo e seguro que isso está agora patente aos vossos olhos com maior claridade que a do sol.

Que infelicidade! Em toda a Galécia e no reino de Aragão e Numância, de entre tantas cidades, castelos e aldeias e assentamentos de santos varões, mal se notam já outros sinais que não sejam de ruínas e vestígios de uma desolação já consumada. Mesmo a nossa cidade que estais a ver, em tempos posta entre as célebres, agora está reduzida a um pequeno povoado, e foi, segundo as nossas memórias, muitas vezes saqueada pelos mouros. De verdade, ainda há uns sete anos, foi de tal modo fustigada por eles que da igreja de Santa Maria, a que sirvo por graça de Deus, levaram eles os sinos, os paramentos, os vasos e todos os ornamentos da igreja, depois de terem capturado ou morto os membros do clero. Mais que isso, desta cidade e dos territórios circunvizinhos até à igreja de Santiago Apóstolo, levaram consigo para a sua terra homens quase sem

conta, depois de terem feito correr o sangue dos nossos fidalgos, e tudo o mais passando a ferro e fogo.

Que há efectivamente no litoral hispânico que tenha surpreendido o vosso olhar e que não demonstre senão traços de memória da sua devastação e vestígios da derrocada? Quantos destroços de cidades e de igrejas percebestes nele pelo olhar ou pelas informações dos seus habitantes? Por vós clama a Madre Igreja, já quase de braços mutilados e de rosto disforme, reclamando o sangue de seus filhos e a vingança por vossas mãos. Clama, sim, clama: ‘Executai a vingança nos estranhos, exorcizai os povos’!

Não vos seduza a oportunidade de vos dardes pressa no caminho empreendido, porque ‘não seria meritório terdes estado em Jerusalém, mas sim terdes vivido rectamente’. Na verdade, não podereis chegar até ela senão através das suas obras, e é através de boas obras que se merece chegar ao fim glorioso. Como homens de brio, soerguei, pois, a Igreja hispânica que jaze por terra e se encontra deprimida; revesti-a com as vestes de júbilo e de alegria, ela que se encontra suja e disforme. Como bons filhos, não olheis para a vergonha de vosso pai, e não digais à vossa mãe ‘seja qual for a oferta que apresentar ela ser-te-á de proveito’. Não tenhais em menos consideração os laços de solidariedade humana, pois, como diz Santo Ambrósio, ‘quem, podendo, não repele a ofensa feita aos companheiros e aos irmãos incorre no mesmo pecado que aquele que o praticou’.

E vós, que sois bons filhos da Madre Igreja, ‘repele a violência e a injúria, pois no seu direito se encontra quem fizer algo para defender o seu próprio corpo e considere que o faz por direito’. Vós, irmãos, depusestes as armas, a saber, as armas com que se rouba o alheio e das quais se diz: ‘quem com ferro mata, com ferro morre’; entenda-se: ‘quem, sem ordem ou permissão da legítima autoridade, pega em armas contra a vida de seu irmão’. Pelo contrário, agora, é por inspiração divina que trazeis as armas com que ‘homicidas e salteadores sofram castigo, com que se ponha cobro a assaltos, se punam adultérios, sejam exterminados os ímpios da face da terra, não se deixem viver os parricidas nem se permita que os filhos actuem sem piedade’. Por isso, vós, irmãos, recobrai força com essas armas, essa força ‘que em tempo de guerra defende a pátria dos estranhos e em tempo de paz defende os que não têm forças e os seus companheiros dos ladrões, pois ela está inteiramente do lado da justiça’.

Actos desta natureza são, de resto, ‘obrigações de vindicta que os homens de bem executam e de bom grado’. Não tenhais medo, irmãos, não tenhais medo!

Efectivamente, ao actuardes deste modo, não ficareis marcados por homicídio ou pelo ferrete de qualquer crime; muito pelo contrário, sereis considerados réus de terdes desertado do vosso propósito. Na verdade, ‘não é crueldade quando se pune em nome de Deus, é piedade’. Fazei guerra justa com o zelo da justiça, não com o fel da indignação. ‘A guerra justa, aliás, diz o nosso Isidoro, é a que se faz por declaração para reaver o que é nosso ou com o fim de expulsar os inimigos’; e porque é justa a causa de ‘punir homicidas, sacrílegos e envenenadores, a efusão de sangue não é de homicídio’. Também ‘não é cruel quem elimina cruéis’. Ou ‘quem elimina os maus, pelo facto mesmo de serem maus, e tem razões para os matar, é ministro do Senhor’.

De facto, os filhos de Israel travaram uma guerra justa contra os amorreus, ao ser-lhes negada uma passagem inofensiva. E vós, pois, povo de Israel, filhos de Cristo e servidores da Cruz, porventura será de consentir aos adversários da Cruz esta liberdade de nos insultarem sem castigo? De forma alguma! Ouvi o que a este respeito disse Agostinho ao presbítero Donato: ‘Não há que admitir uma vontade perversa entregue à sua liberdade, do mesmo modo que a Paulo não foi consentido usar da sua mais que perversa vontade quando perseguia a Igreja de Deus’. Também Crisóstomo, *Sobre Mateus, homília XVII*: ‘Matou Finéias um homem e “foi-lhe tomado em conta de justificação”’; Abraão, que incorrera não apenas em homicídio, mas em parricídio, o que era mais grave, mais e mais se tornou agradável a Deus’. Também Jerónimo diz a Rip(o)ário: ‘Consta efectivamente das minhas leituras o gesto implacável de Finéias, o rigor de Elias, o zelo de Simão Cananeu, a severidade de Pedro que fulminou Ananias e Safira, a firmeza de Paulo que condenou a cegueira eterna o mago Elimas por resistir aos caminhos do Senhor’. Por isso se diz na Lei: “Se um teu irmão ou um teu amigo ou a tua esposa, que vive no teu próprio seio, te quiserem desviar da verdade, caia a tua mão sobre eles e derrama tu o sangue deles”. É por isto o que de modo espiritual se cumpre convosco. Prostrou em vós o Senhor a Saulo e levantou-se Paulo; a carne de Saulo e a de Paulo são a mesma, não são os mesmos os sentimentos, mas alteraram-se. Eis como Deus é condescendente, como é justo, como é misericordioso! Deus nada vos retirou. Concedeu-vos que façais o mesmo que fazíeis na vossa terra, apenas alterando os sentimentos, Estáveis habituados a usar as armas; fazíeis saques e praticáveis outras acções próprias de militares, de que não há agora que individualizar. Ao que parece, andais com as armas e com as insígnias militares, mas com sentimentos diversos, como já referi, não mudastes os actos mas a vontade, tendo em conta o conselho do Apóstolo: ‘Assim como fizeste gala dos vossos membros para servirdes à impureza e à iniquidade,

fazei agora gala dos vossos membros (para servirdes à justiça e à santidade)’. Mas, já que viestes armados, vamos, como bons militares (porque não é pecado ser militar, só o é por causa do saque), aceitai, para vós e para os vossos, o conselho salutar de Santo Agostinho ao conde Bonifácio: ‘Pegai nas armas, a oração bata aos ouvidos do Criador, pois, quando se combate, Deus fica de olhos abertos e é à parte que considera justa que logo dá a palma’. De verdade se cumpre em vós a profecia em que para louvor e honra do valor e da glória dos filhos de Deus se disse: ‘Como é que um perseguia mil e dois punham dez mil em fuga?’, e mais adiante ‘Cinco de vós perseguirão cem dos estranhos e cem de vós dez mil; cairão os vossos inimigos perante vós à espada’. Efectivamente, ‘a guerra que se assumir como devendo ser feita por mandato de Deus, não é lícito duvidar que se empreende com legitimidade’.

Quanto mais, o nosso filho dilecto e vosso irmão, companheiro de tribulações, Afonso, nosso rei, saiu já há dez dias com todas as suas forças militares, em direcção a Lisboa. Prevendo a vossa chegada, mandou que nós aqui ficássemos à vossa espera para vos falarmos em sua vez. Se acaso Deus insinuou nos vossos corações que deveis ir ter com ele, acompanhados de toda a vossa frota, e com ele ficardes até ser tomada a cidade de Lisboa, com o favor de Deus e vossa cooperação, pela nossa parte, se bem vos parece, faremos de imediato uma proposta de dinheiro aos vossos, em consonância com as disponibilidades do património régio. A nós e a quantos quiserdes, a partir de agora, tomai-nos convosco como penhor da promessa a satisfazer.

O que houver por bem a vossa veneranda assembleia será resposta que nós aguardamos. De seguida, sem demora, haja lugar nas vossas mãos uma decisão pia, justa, honesta, para louvor e glória do nome de Cristo e de Sua Santíssima Mãe, Ele que com Deus Pai e com o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos. Amen.»